

A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos

Vieira, Maria Cláisse; Nascimento Cruz, Karla

A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos

Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 42, núm. 1, 2017

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117150748004>

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644420116>

Attribution-NonCommercial 3.0 Unported (CC BY-NC 3.0)

A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos

Maria Clisse Vieira mclarissev@yahoo.com.br
Universidade de Brasília, Brasil

Karla Nascimento Cruz karliinha.cruz@gmail.com
Universidade de Brasília, Brasil

Recepção: 22 Outubro 2015
Aprovação: 28 Novembro 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644420116>
Redalyc: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117150748004>

Resumo:

Este artigo analisa a produção acadêmica dos estudos de gênero no âmbito da educação de mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Inicialmente, é traçado um panorama histórico da educação da mulher na sociedade brasileira e na EJA. Em seguida, discute-se os resultados de uma pesquisa bibliográfica realizada nos últimos dez anos em periódicos da área de educação e no GT 18 (Educação de Pessoas Jovens e Adultos) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Buscou-se extrair da leitura desses trabalhos as abordagens teórico-metodológicas e as conclusões dos artigos. As produções mostram a sala de aula como espaço de perpetuação das desigualdades educacionais de gênero, destacando as trajetórias, bem como dificuldades de acesso e permanência das mulheres na alfabetização e educação de jovens e adultos.

Palavras-chave:

Educação de jovens e adultos, Gênero, Educação de mulheres.

Abstract:

This study aimed to analyze the academic literature about gender studies in the context of women's education in Youth and Adult Education (YAE) . Firstly, it is traced a historical overview of women's education in Brazilian society and in adult and youth education. After, it discussed the result of literature search in the last ten years, which involved some Scielo journals and publications of National Association of PostGraduate Studies and Research in Education (ANPEd). He attempted to extract the reading of this work the theoretical and methodological approaches and the conclusions of the articles. The production shows the classroom as a perpetuation of educational gender inequalities space, highlighting the trajectories as well as difficulties of access and permanence of women in literacy and adult education.

Keywords:

Education for youth and adults, Gender, Women's education.

Introdução

Este artigo tem o intuito de analisar a produção acadêmica acerca dos estudos de gênero no âmbito da educação de mulheres na EJA. Inicialmente, realiza-se uma exposição do histórico da educação da mulher na sociedade brasileira e as inter-relações com a educação de Jovens e Adultos e sua diversidade. No segundo momento, discutem-se os resultados de uma pesquisa bibliográfica realizada em periódicos da área de educação e no GT 18 (Educação de Pessoas Jovens e Adultos) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), nos últimos dez anos, em torno da relação gênero, mulher e Educação de Jovens e Adultos.

O procedimento metodológico escolhido para a produção deste artigo foi pesquisa bibliográfica, a qual



possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto. (GIL, 1994 apud LIMA; MIOTO, 2007, p. 4).

A pesquisa bibliográfica tem sido muito utilizada em diversos estudos descritivos ou exploratórios, sendo o objeto de estudo pouco pesquisado e estudado, o que torna difícil de formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. Também é um importante procedimento metodológico quando se trata da produção do conhecimento científico, capaz de elaborar hipóteses e interpretações que poderão ser utilizadas como ponto de partida em outras pesquisas, principalmente se tratando de temas pouco pesquisados (LIMA e MIOTO, 2007).

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir dos anais das reuniões nacionais da ANPEd e em alguns periódicos da Scielo (Scientific Electronic Library Online – biblioteca eletrônica de periódicos científicos). Foram levantados trabalhos publicados no período de 2005 a 2014.

A diversidade no âmbito da educação de jovens e adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da Educação Básica, que tem como público pessoas que não tiveram o acesso e permanência na escola na idade apropriada e retornam em busca do resgate desse direito. Esse público que frequenta a EJA é marcado pela heterogeneidade, ou seja, é constituído por grupos oriundos de diferentes frações da classe trabalhadora. A EJA atende aos mais diversos perfis de estudantes: adolescentes, adultos/as, idosos/as, trabalhadores/as, desempregados/as, pessoas que vieram da zona rural, pessoas que vieram de periferias, e muito mais.

O/a estudante da EJA, é, geralmente, aquele/a que chega às grandes cidades à procura de melhoria nas condições de vida vindos de áreas rurais, ou ainda das regiões menos desenvolvidas do país para as grandes metrópoles, que têm menor condição financeira, que muitas vezes vivem na linha da pobreza e miséria. (SILVA, 2006, p. 1).

Ou seja, grande parcela dessas pessoas são trabalhadores/as buscando melhores oportunidades e condições de vida.

Além de ser caracterizada pelas múltiplas identidades de quem já “viveu um pouco mais de tempo”, a EJA também é permeada pela diversidade, ou seja, “é marcada pela multiplicidade de situações relativas às questões étnico-racial, de gênero, de aspectos culturais e regionais e geográficos; de orientação sexual; de privação da liberdade; e de condições mentais, físicas e psíquicas” (BRASIL, 2009, p. 28).

De acordo com Arroyo (2005, p. 18), o problema da diversidade “é um tema posto na nossa sociedade com especial destaque em décadas recentes. Diversidade de gênero, de raça, de território [...] Diversidade que se converteu em diferenças e em desigualdades”.

Com base nesses aspectos, na seção a seguir traçamos um panorama de como a educação da mulher no Brasil tem sido tratada e como esse quadro de desigualdades afeta a educação de jovens e adultos.

A educação da mulher na sociedade brasileira

Na sociedade brasileira, a condição da mulher é de inferioridade em relação ao homem, mesmo após diversas tentativas, lutas e conquistas, essa é uma realidade atual. Situação que decorre da falta de oportunidades para que a mulher se afirme. Assim, ela sofre as mais diversas discriminações, como econômicas e educacionais, fato que tem ocorrido durante todo o processo histórico brasileiro.

Durante o período colonial a mulher não tinha acesso à escola. A ela cabia aprender as tarefas específicas à sua condição de gênero, como bordar, costurar, ser boa mãe e esposa, realidade que prevaleceu até o século XIX.



No ano de 1827 se estabeleceram as escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugarejos que eram mais povoados do Império. Assim, havia escolas (LOURO, 2006) para meninos e meninas, com predominância para os do sexo masculino. Essas escolas eram fundadas por congregações e ordens religiosas. A partir daí a mulher passou a ter direito à educação.

Começou a freqüentar escola de primeiras letras em espaços separados dos homens. Às mulheres cabia apenas ensinar-lhes a ler, a escrever e a contar, além de ter, no seu currículo, disciplinas obrigatórias como o bordado, a costura e bons modos. (FERREIRA, 2005, p. 75).

As mulheres que vinham de grupos sociais privilegiados (LOURO, 2006) tinham acesso também ao ensino de francês e piano. O ensino de bordados, rendas, costura, culinária, habilidades de mando das criadas e serviços tinha também o objetivo de torná-las uma companhia agradável e uma mulher capaz de representar socialmente seu marido. Ou seja, tudo visava prepará-las para o bom domínio da casa ou lar.

Devido à resistência por parte da sociedade, havia a distinção na escolarização de mulheres e homens, pois, para a sociedade, a mulher tinha uma função que não poderia ultrapassar os limites do lar. Muito se discursava que a mulher deveria ser mais educada do que instruída, pois para elas era suficiente uma formação de caráter, acreditavam que não existiam razões para preencher a cabeça de uma mulher com conhecimentos, dado que seu destino exigia apenas “uma moral sólida e bons princípios” (LOURO, 2006, p. 446).

A educação das mulheres no Brasil no princípio do século XIX tinha muito em comum com a educação européia, a qual desprezava a educação da mulher, que era voltada para a formação do caráter, enquanto a educação dos homens tinha como objetivo desenvolver o intelecto. “O propósito principal da educação da mulher era conservar a pureza, em sua conotação sexual, e assegurar um comportamento correto perante a sociedade” (BASTOS, 2011, p. 30).

Em meados do século XIX, surgiram as primeiras Escolas Normais no Brasil, com vista à formação de professores/as. Escolas que estavam abertas a ambos os sexos, desde que as aulas fossem em classes separadas. As mulheres passaram a ter acesso às escolas de formação de professores/as, o que foi um avanço para as relações sociais entre homem e mulher. Essas escolas proporcionavam uma continuidade aos estudos iniciados nas escolas de primeiras letras e também representava uma forma de constituir um meio de inserção na vida pública.

Ressalta-se que essa era uma realidade, em sua maioria, de mulheres brancas e ricas. As mulheres brancas e pobres muitas vezes entravam no mundo da prostituição, em busca de dinheiro, ou se casavam com homens também pobres e assim não tinham acesso à educação formal. As mulheres negras também se envolviam com a prostituição ou eram escravas e, portanto, “não tinha acesso a escolas e nenhuma educação, mesmo que informalmente” (BASTOS, 2011, p. 29).

As escolas normais estavam formando professores/as para atender a crescente demanda escolar. Portanto, esse objetivo não foi atingido como se esperava (LOURO, 2006), pois cada vez mais os relatórios mostravam que estavam formando mais mulheres do que homens, o que aconteceu em diversas regiões do Brasil. Aos poucos os homens deixavam as salas de aula, o que deu origem a feminização do magistério.

O magistério é em todos os países do mundo uma função feminina; no Brasil, as últimas cifras publicadas avaliam a cooperação das mulheres em quase 70% do total de funcionários encarregados do ensino. Particularmente em São Paulo, há uma crise de homens no magistério público. [...] Formaram-se, em 1881, nove homens e uma mulher, em 1882, nove mulheres e onze homens. [...] Daí por diante, desde 1888, o número de senhoras formadas normalistas foi gradativamente crescendo, a ponto de nos últimos dez anos ser quase o triplo. (FILHO, 1921 apud LOURO, 2006, p. 452).



Como o destino das mulheres era a maternidade, passaram a assimilar o magistério como uma extensão ou continuidade da maternidade, sendo os/as estudantes vistos/as como filhos/as espirituais. Esse era um trabalho aceito somente para as moças solteiras até o momento do casamento, além de ser considerado um trabalho ideal para a mulher (LOURO, 2006), pois consistia em um turno apenas, sendo que no outro período ela poderia atender suas obrigações domésticas.

A incompatibilidade do casamento e da maternidade com a vida profissional feminina foi (e continua sendo!) uma das construções sociais mais persistentes. “[...] O casamento e a maternidade eram efetivamente constituídos como a verdadeira carreira feminina” (LOURO, 2006, p. 454).

Assim, as escolas normais se tornaram escolas de mulheres e o magistério primário se tornou claramente um lugar da mulher. Além de que esse era o ponto mais alto de estudo que elas poderiam alcançar.

Hoje, a realidade educacional do país mudou bastante. Atualmente, as mulheres ocupam mais espaço nas escolas e em cursos superiores do que há algumas décadas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE (Síntese de Indicadores Sociais, 2004), as mulheres já são maioria nas turmas do último ano do ensino médio, de cursos superiores e na pós-graduação. Esse aumento da escolaridade (BASTOS, 2011) foi uma conquista das mulheres que ocorreu durante o século XX.

A despeito dos avanços, há um número significativo de mulheres que ainda hoje tem dificuldades de ter acesso à escola ou dar continuidade aos estudos, essas dificuldades são: gravidez precoce, casamentos, dupla jornada (emprego e trabalho doméstico), cuidado e educação dos filhos, proibição dos pais ou maridos. Para estas, a EJA coloca-se como uma alternativa para o resgate desse direito.

Diante da diversidade que a caracteriza, a EJA precisa adotar propostas pedagógicas mais flexíveis, para que possa atender a cada um desses perfis.

Educação de jovens e adultos e a mulher no Brasil

A diversidade encontrada na Educação de Jovens e Adultos (EJA) comporta também questões de gênero. Uma pesquisa realizada pelo IBGE, divulgada em 2009, constatou que 53% dos estudantes da EJA são mulheres. Essas mulheres possuem os mais variados perfis: diversas idades, origens e histórias de vida. São elas: mães, solteiras, avós, viúvas, casadas, trabalhadoras, responsáveis pelo lar, desempregadas, e daí por diante. Mas todas possuem algo em comum: o desejo de aprender, de estudar, mesmo com todos os desafios à frente.

Dos 774 milhões de adultos analfabetos no mundo, cerca de 64% desses são mulheres, dado esse divulgado pelo Instituto de Estatísticas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no ano de 2013. Dos 123 milhões de analfabetos que estão entre 15 e 24 anos de idade, 76 milhões são mulheres. Isto evidencia que mesmo com o aumento de pessoas alfabetizadas no mundo, as mulheres ainda recebem menos educação do que os homens.

No documento Base Nacional (BRASIL, 2009) preparatório a VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), que ocorreu no Brasil em 2009 consta que no ano de 2006 a taxa de analfabetismo para os homens entre 15 anos ou mais era de 10,6% e a das mulheres de mesma idade era 10,1%. Se tratando somente de jovens entre 15 e 24 anos, a taxa de analfabetismo das mulheres era 1,6% e dos homens 3,2%. A taxa entre pessoas idosas é um pouco diferente, 24% são mulheres e 21,7%, são homens. Esses dados revelam que as jovens de hoje possuem maior escolaridade do que os homens.

De alguns anos para cá, a busca pela EJA tem aumentado, mas, da mesma forma que cresceu essa busca, os números referentes à evasão também têm aumentado. De acordo com Ferreira (2005), alguns dos fatores causadores da evasão de mulheres jovens e adultas da escola estão em sua maioria relacionados às responsabilidades familiares ou a subordinação a seus maridos e ainda a questões ligadas à segurança física (iluminação, transporte, serviços de segurança).



Esta problemática é bem visível, uma vez que na nossa sociedade a mulher ainda é alvo de discriminação por parte do seu companheiro e que muitos deles não cuidam dos filhos, estimulando a mulher a desistir da escola, o que acaba acontecendo na maioria das vezes (REIS, 2009, p. 3).

Quando retorna à sala de aula, a mulher enfrenta os mais diversos desafios para se matricular e permanecer em um curso de EJA. Significa superar a timidez, a questão de que mesmo mais velha é possível aprender, de que lugar de mulher é em casa e conviver com diferentes gerações (FERREIRA, 2005). Portanto, essa volta responde a um desejo acalentado ao longo de anos, desejo de concluir uma formação escolar abandonada por razões, sobretudo, de ordem familiar.

Muitos fatores concorrem para o afastamento da mulher da escola, a saber: impedimento de estudar pela família, por acreditar que mulher não precisava de estudo; entrada no mercado de trabalho precocemente para contribuir com o sustento do grupo familiar; a constituição social do casamento; nascimento dos filhos, retendo-as no âmbito doméstico. Assim, mais tarde, com os filhos e mesmo, por vezes, os netos criados, viúvas, separadas, aposentadas, enfim, superada a etapa anterior totalmente ou em parte, de cuidar do outro, podem recuperar o sonho e, então, cuidar de si, retornando à escola (BASTOS, 2011, p. 43).

Na seção a seguir apresentaremos um levantamento de trabalhos publicados nos últimos dez anos (2005-2014), os quais abordam questões de gênero, mulher e EJA. Esses trabalhos nos revelam como a mulher tem sido vista na EJA e o que ela enfrentou e tem enfrentado, além de nos apresentar como o gênero interfere e determina tantas questões no meio educacional e social.

Estudos publicados nos últimos dez anos na área de gênero, mulher e educação de jovens e adultos

Considerando que esta pesquisa tem como objetivo analisar a produção acadêmica acerca dos estudos de gênero no âmbito da educação sobre mulheres na EJA, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema em artigos da área de educação, publicados na ANPEd e em periódicos da Scielo nos últimos dez anos, de 2005 a 2014. Para esse levantamento utilizou-se as seguintes palavras-chave: mulher, EJA, gênero, feminino, jovens e adultos. Foram encontrados oito artigos, o que nos mostra como essa questão tem sido pouco pesquisada.

A pesquisa realizada no site da Scielo se deu nas revistas: Cadernos de Pesquisa, Ciência e Educação, Educação e Realidade, Educação e Sociedade, Educação em Revista, Educação e Pesquisa e Revista Brasileira de Educação. Foram encontrados dois artigos que tratam sobre a temática da mulher, de gênero e EJA no período dos últimos dez anos, são eles: "Territórios da casa, matemática e relações de gênero na EJA" (SOUZA; FONSECA, 2013), na Revista Cadernos de Pesquisa, e "Práticas de numeramento e relações de gênero" (SOUZA; FONSECA, 2013), na Revista Brasileira de Educação, ambos publicados em 2013.

Na ANPEd foram pesquisados trabalhos desde a 28º reunião, realizada em 2005. E foram encontrados seis trabalhos, os quais tratam questões referentes à gênero, mulher e EJA. São eles: "Sobre noções de constituição do sujeito: mulheres alfabetizadas têm a palavra" (ARAUJO, 2007), "Por que é tão difícil freqüentar a escola: escolarização e gênero feminino no EMJAT CEFET" (FERREIRA, 2008), "Relações de gênero, práticas de cuidado e Educação de pessoas jovens e adultas" (SOUZA; FONSECA, 2008), "A produção de textos na educação de jovens e adultos: questões sobre gênero e linguagem" (PEREIRA, 2010), "A construção social das mulheres de saquinho: narrativas e cenas de pesquisa" (PEREIRA, 2011) e "Educação de mulheres em situação de aprisionamento" (SOUZA; CAETANO; ROSA, 2012).

Análise dos trabalhos

O trabalho "Sobre noções de constituição do sujeito: mulheres alfabetizadas têm a palavra", escrito por Araujo (2007), buscou compreender como os sujeitos se constituem sujeitos, a partir de um grupo de mulheres alfabetizadas que participaram da Usina do Trabalho nos anos de 2004 e 2005. Foi realizada uma pesquisa participante, a qual resultou em uma construção de relatos do que foi vivenciado e compartilhado durante as aulas. Também foram feitas entrevistas com oito mulheres do grupo. O eixo



norteador da pesquisa foi a reconstituição da história dos sujeitos com o processo de aprendizagem escolar. Por meio dos relatos e das entrevistas foi possível conhecer um pouco sobre essas mulheres, as dificuldades que enfrentaram para estudar, como elas enxergam essa oportunidade de retornar aos estudos e como elas classificam seus saberes. A autora ressalta a importância da fala dessas mulheres “como elemento constitutivo do sujeito, [pois] ganha uma dimensão tão concreta como concreta é a sua realidade” (ARAUJO, 2007, p. 14). E conclui afirmando que, quando essas mulheres retratam, através das palavras, trechos de suas trajetórias, elas “organizaram seu pensamento, alimentaram sua consciência e, concomitantemente, nos deram a ver, os elementos constitutivos das noções de sujeito que busquei compreender” (idem, p.14).

Em seu artigo “Por que é tão difícil frequentar a escola: escolarização e gênero feminino no EMJAT CEFET”, Ferreira (2008) trabalha de forma mais específica sobre a questão de gênero. O artigo tem como objetivo analisar as questões que interferiram e influenciaram a trajetória de mulheres no curso de Ensino Médio para Jovens e Adultos Trabalhadores realizado no CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica), nos anos de 2001-2005, sob a perspectiva de gênero. Outro objetivo do trabalho foi procurar compreender as percepções dessas mulheres sobre sua situação feminina e a consciência de gênero. Sua pesquisa trouxe características sociais e profissionais desse público feminino e também retratou questões sobre a continuidade dos estudos, com base na entrevista realizada com dez mulheres alunas do curso do EMJAT/ CEFET. Esse estudo evidenciou a existência da discriminação de gênero, pois “persiste a desigualdade sexista nas relações familiares e no espaço educacional, na medida em que as determinações de gênero dificultam a inserção na escola, do segmento feminino das camadas populares” (FERREIRA, 2008, p. 14). Esse público feminino que foi impedido de concluir os estudos por diversas questões (de gênero, classe, étnico-racial), quando consegue retornar à escola ainda encontra diversos empecilhos para concluir o processo escolar, pois além das dificuldades já citadas, ainda tem que dividir seu tempo entre as tarefas domésticas, o trabalho e cuidados com a família. A autora termina seu artigo enfatizando a necessidade de pesquisas educacionais que abordem que na educação escolar estão presentes as diferenças de gênero, classe e étnico-racial.

O artigo "Relações de gênero, práticas de cuidado e Educação de pessoas jovens e adultas", de Souza e Fonseca (2008), dá um enfoque em mulheres catadoras de materiais recicláveis de uma associação e propõe investigar como se configuram as relações de gênero dessas mulheres e como essas questões refletem na vida dos/as estudantes da EJA. Para atender esses objetivos foram realizadas entrevistas com catadores/as organizados/as em uma associação, além da observação e registro de seis aulas. Por fim, observou-se que quando se fala de acesso e permanência nas salas de aula da EJA as relações são desiguais entre mulheres e homens. No artigo é evidenciado que historicamente as mulheres têm se constituído um público específico da EJA, decorrente pela maior amplitude da experiência feminina de não acesso à educação. Portanto, mesmo diante dessa realidade “a literatura na área tem-se dedicado pouco às discussões sobre essas pessoas” (SOUZA e FONSECA, 2008, p. 2).

O objeto de estudo do trabalho “A produção de textos na educação de jovens e adultos: questões sobre gênero e linguagem”, de Pereira (2010), é o estudo da língua materna partindo das questões de gênero e tomando como base a teoria discursiva de Bakhtin. O objetivo é abordar a EJA na perspectiva de gênero e linguagem, tendo como base a tese do reconhecimento do discurso dos educandos da EJA como textos (orais ou escritos) que as oportunidades de aprendizagem são ampliadas. Os dados foram levantados em 2001 a partir de diários de campo e entrevistas com três educandas da EJA, realizadas pela pesquisadora, que também é a professora, a qual questionava as razões que impulsionavam a presença das mulheres nesse programa educacional, ressaltando que todo o público era composto por mulheres. Com o decorrer do estudo, a pesquisa passou a ser um estudo de caso, o qual buscou estudar a “particularidade das educandas da EJA e as questões de gênero no ensino da língua materna” (PEREIRA, 2010, p. 4).

A pesquisa focou na questão da relação entre gênero e EJA, tendo como perspectiva a mulher, com as educandas que foram excluídas do processo de educação regular, exclusão gerada por funções sociais predeterminadas. “Nos relatos foi possível conhecer a forma como as entrevistadas se viam e como suas vidas tinham relação direta com a falta de acesso à educação escolarizada”. (PEREIRA, 2010, p. 7)

Privar o homem da aprendizagem da leitura e da escrita significa destituí-lo da sua humanidade [...] Significa, no caso específico das discussões presentes neste texto, privar mulheres – porvezes, durante quase toda a vida – de lerem suas vidas, suas necessidades, suas histórias eserem autoras. (PEREIRA, 2010, p. 14).

O artigo “A construção social das mulheres de saquinho: narrativas e cenas de pesquisa”, de Pereira (2011), teve como objetivo discutir memórias de mulheres idosas da EJA de Saquinho, uma comunidade rural do município de Inhambupe-BA. Levou em consideração como as narrativas de vida se ligam com os saberes da experiência construídos nas suas trajetórias com os saberes escolares. Para essa reflexão, foram entrevistadas várias estudantes idosas. A pesquisa constata que não existe uma política efetiva para essas idosas da comunidade rural de Saquinho. Não há garantias de educação que dê oportunidades de forma igualitária conforme determinam as diretrizes do artigo V do Estatuto do Idoso. Mesmo com os projetos de vida e com a escola, esses direitos são negados, pois não há um espaço escolar para os/as idosos/as.

O artigo “Educação de mulheres em situação de aprisionamento”, de Souza, Caetano e Rosa (2012), destaca mulheres em situação de aprisionamento e teve como propósito analisar a constituição das experiências educativas escolarizadas delas. Para isso, foram coletados dados em duas instituições prisionais, tipicamente femininas, por meio de questionário e entrevistas que tinham como objetivo traçar o perfil social dessas mulheres. Assim chegou-se a conclusão que mesmo que o direito à educação para pessoas em situação de aprisionamento esteja assegurado na Lei de Execução Penal e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Prisional, esse direito não se configura uma prioridade no contexto do sistema prisional.

Os resultados iniciais desta pesquisa indicam que o direito à educação é uma conquista ainda a ser feita tendo em vista a ineficácia de políticas públicas que alcancem de modo efetivo a população prisional, de modo específico, em nossa análise, as mulheres aprisionadas. (SOUZA; CAETANO; ROSA, 2012, p. 6).

O trabalho “Territórios da casa, matemática e relações de gênero na EJA”, de Souza e Fonseca (2013), tem como propósito se voltar para as práticas de homens e mulheres estabelecidas no cuidado, organização e controle da casa, analisando as relações de gênero e matemática, as quais ecoam na escola de forma naturalizada e institucionalizada. O material que subsidiou a pesquisa foi uma análise a partir de uma coleta de dados realizada em uma associação de catadores/as de material reciclável, o qual foi produzido em oficinas pedagógicas oferecidas aos associados/as, na observação das aulas do primeiro ciclo da EJA e entrevistas. O referencial teórico e metodológico do trabalho envolve estudos de gênero, práticas de numeramento e estudos relativos ao discurso de Foucault.

Entretanto, a competência matemática das catadoras, que podemos avaliar com base nas práticas de cuidado e gerenciamento da casa que descrevemos, é silenciada na escola por discursos que naturalizam as diferenças, tais como o de que “homem é melhor em matemática do que mulher”. (SOUZA; FONSECA, 2013, p. 274).

Na sala de aula existe uma supervalorização da matemática em contexto escolar, a qual se mostra fortalecida por um discurso de que o homem é mais competente do que a mulher em matemática, tornando aquele espaço masculino, além de que passa a criar modos de vida femininos, que são submetidos aos modos de vida masculinos. Dessa forma a sala de aula passa a ser um local que produz desigualdades, pois naturaliza e hierarquia diferenças.

No texto “Práticas de numeramento e relações de gênero” de Souza e Fonseca (2013) vemos a desigualdade de gênero marcando a vida de mulheres catadoras, portanto elas não enxergam essa desigualdade, mas a nomeiam como desunião do grupo. Esse grupo é formado por trabalhadores catadores, a maioria é composta por mulheres, as quais são comprometidas com seu trabalho, diferente dos homens que veem esse emprego como temporário. O que chama a atenção é que mesmo as mulheres sendo maioria e mais comprometidas, quem ‘comanda’ são os homens. São os homens que



mandam, tomam decisões, recebem mais, recebem as gorjetas e desenvolvem os trabalhos mais 'nobres', além de que tratam as mulheres com violência, pois quando elas tentam se manifestar ou impor, são ameaçadas. Mesmo com toda essa realidade as mulheres enxergam toda essa situação com certa naturalidade, pois é natural ver um homem liderando, recebendo mais e desempenhando melhores funções.

Considerações finais

O presente estudo teve como objetivo analisar a produção acadêmica acerca dos estudos de gênero no âmbito da educação sobre mulheres na EJA. Para isso, buscou traçar um histórico da educação da mulher na sociedade brasileira e especificamente na EJA. Na segunda parte do trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico de estudos publicados nos últimos dez anos (2005-2014), que envolveram questões de gênero, mulher e a EJA. O levantamento foi realizado em algumas revistas da Scielo e em trabalhos apresentados na ANPEd desde sua 28^a reunião. Feito o levantamento, foram encontrados apenas oito trabalhos, sendo dois da Scielo e os outros seis na ANPEd.

Nos trabalhos analisados, apareceram as diversas questões que impedem a mulher de concluir os estudos, questões de gênero, classe e étnico-racial. Dentre essas questões, aparece uma tripla jornada, a qual envolve cuidar da casa e família, trabalhar e estudar.

De um modo geral, os estudos mostram que a mulher ainda é discriminada na atual sociedade, uma problemática ainda bem visível. São diversas as razões que contribuem com o afastamento dos estudos por parte das mulheres, razões que envolvem cerceamentos vindos da família, como o pensamento popular de que a mulher não precisa estudar; ingresso precoce no mercado de trabalho, casamento e filhos.

Levando em consideração os artigos estudados, podemos perceber que as relações entre homens e mulheres nas salas de aula da EJA são desiguais. Em diversos casos e situações, a sala de aula é um espaço que produz e naturaliza as desigualdades de gênero. E a mulher tem se tornado um público específico da EJA, devido à experiência feminina de não acesso à educação.

Outro fator evidenciado nos trabalhos encontrados é a necessidade de pesquisas na área, que tratem questões da educação da mulher e as diferenças de gênero na EJA, pois não existem muitas referências bibliográficas referentes à relação de gênero e EJA. Mesmo com a grande produção acadêmica atual, a temática de gênero e EJA tem sido pouco estudada e pesquisada nas revistas e publicações pesquisadas.

Referências

- ARAUJO, R. R. Sobre noções de constituição do sujeito: mulheres alfabetizadas têm a palavra. 30^a Reunião da ANPEd, Caxambu, MG, out. 2007.
- ARROYO, M. G. Educação de Jovens e Adultos - um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: (ORG.) S. E. A. Diálogos na educação de jovens e adulto. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BASTOS, L. C. Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA. UFMG. Belo Horizonte: [s.n.], 2011.
- BRASIL; EDUCAÇÃO, M. D.; EDUCAÇÃO, S. D. Brasil Educação e aprendizagem de jovens e adultos ao longo da vida. In: _____. Documento Base Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFINTEA). Brasília: MEC; Goiânia: FUNAPE/UFG: [s.n.], 2009.
- FERREIRA, A. T. B. Ler e escrever também é uma questão de gênero. In: LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. C. D. Desafios da educação de jovens e adultos – Construindo práticas de alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 71-88.



FERREIRA, M. J. D. R. Por que é tão difícil frequentar a escola? Escolarização e gênero feminino no EMJAT/CEFET. 31ª Reunião da ANPEd, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2005. 364p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Aspectos complementares da educação de jovens e adultos e educação profissional: 2007. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. 184p.

LIMA, T. C. S. D.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Katálysis* [online], v. 10, p. 37 - 45, 2007.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, M. D. História das mulheres no Brasil. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. 10. ed. Petropólis, RJ: Vozes, 2008.

PEREIRA, A. D. S. A produção de textos na Educação de Jovens e Adultos: questões sobre gênero e linguagem. 33ª Reunião da ANPEd, 2010.

_____. A construção social das mulheres de saquinho: narrativas e cenas de pesquisa: d. Amélia e as memórias de escola. Natal: [s.n.], 2011.

REIS, R. H. D. A constituição do ser humano: amor-poder-saber na educação/alfabetização de jovens e adultos. Campinas/SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, A. R. Mulher na EJA: Uma Análise da 'diferença' na Educação de Jovens e Adultos do Município do Rio de Janeiro. In: _____. Fazendo Gênero 7. Florianópolis: UFSC, 2006.

SOUZA, M. C. R. F. D.; CAETANO, C. S.; ROSA, S. F. Educação de mulheres em situação de aprisionamento: Reflexões sobre o perfil social e o direito à educação. 34ª Reunião Anual da ANPEd. Pernambuco: [s.n.]. 2012.

SOUZA, M. C. R. F. D.; FONSECA, M. D. C. F. R. Relações de Gênero, Práticas de Cuidado e Educação de Pessoas Jovens e Adultas. 31ª Reunião Nacional da ANPEd. [S.I.]: [s.n.]. 2008.

_____. Territórios da casa, matemática e relações de gênero na EJA. *Cadernos de Pesquisa* [online], v. 43, p. 256-279, 2013. ISSN 148.

SOUZA, M. C. R. F. D.; FONSECA, M. D. C. F. R. Práticas de numeramento e relações de gênero: tensões e desigualdades nas atividades laborais de alunas e alunos da EJA. *Rev. Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, v. 18, n. 55, p. 921-938, 2013.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Ensinar e aprender: alcançar a qualidade para todos. Relatório Conciso. France: UNESCO, 2013.

CC BY-NC